

## EXPLORAÇÃO SEXUAL E IMPUNIDADE

Drama vivido por adolescente de Ponta Porã revela descaso de autoridades na responsabilização de aliciadores que agem na fronteira com o Paraguai

## Iludida, menina é encarcerada em boate

OSVALDO JÚNIOR,  
ESPECIAL PARA O CORREIO DO ESTADO

Há pouco mais de um ano, Simone (nome fictício), 17, saiu de Ponta Porã para Maracaju, cidades no sudoeste de Mato Grosso do Sul, na esperança de melhorar a vida do filho e ajudar a mãe, desempregada e analfabeta. Em pouco tempo, o sonho se despençou numa realidade de cárcere e exploração sexual. A rede criminoso, que buscou desumanizar a adolescente, permanece impune e atuante.

A entrada compulsória de Simone no mercado sexual ocorreu em maio de 2009, quando recebeu a proposta de emprego de uma mulher, identificada apenas como Rosana. Antes de falar do falso emprego, Rosana se aproximou da adolescente, tornando-se “amiga” dela. O trabalho seria o de cuidar de duas crianças em Maracaju com um salário muito acima da média local.

Depois de assediada inicialmente por Rosana, a adolescente começou a receber telefonemas de Rosemeire Rosa Nogueira da Silva Ortiz, conhecida como Pâmela, cafetina atuante no mercado sexual de Maracaju. Pâmela e Rosana seriam irmãs.

Segundo a adolescente, Pâmela ligava-lhe todos os dias. “Ela falava que eu ia ter muito dinheiro e subir na vida. Aí eu comecei a sonhar alto”, afirma Simone.

A menina chegou a recusar a proposta por não querer deixar mãe e o filho, então com oito meses. Mas, depois

da muito insistência de Pâmela, a adolescente disse “sim”.

## Do sonho à realidade

Simone foi levada da porta de casa por Pâmela. Ainda em Ponta Porã, a aliciadora disse que a menina devia deixar sua certidão de nascimento, único documento que possui. A cafetina alegou que, para trabalhar sem ser incomodada pela Justiça, Simone precisaria fazer um falso documento com idade superior a 18 anos.

Em Maracaju, na boate “Cantinho da Saudade”, Simone teve certeza de que fora enganada. “Cadê as crianças pra mim cuidar?” (sic), perguntou a menina. Em seguida, disse que não iria se prostituir.

Para forçar Simone a se prostituir, Pâmela a deixou sem comer e trancada em um quarto. Passados dois dias, em meio a um descuido do segurança, Simone conseguiu fugir. Dormiu com fome em uma praça de Maracaju. De madrugada, foi acordada pela luz forte do farol de um carro. Sentiu o braço apertado e puxado violentamente. Era Pâmela.

“Tá bom, eu faço”, disse a adolescente para a cafetina um dia após a fuga frustrada. “Eu já não aguentava mais de fome”, lembra-se.

Depois que foi obrigada a “colaborar com a casa”, Simone deixou o quarto para beber com os clientes. Nessa noite, conheceu uma travesti, que se sensibilizou com sua história e resolveu ajudá-la. Na primeira oportunidade, saíram disfarçadamente da boate.

Simone passou a noite na casa de uma amiga da travesti. “Essa mulher, onde eu



GERSON OLIVEIRA

**Simone tenta reconstruir a vida** depois de ter os direitos violados por uma rede criminoso, que alicia meninas na fronteira com o Paraguai para alimentar o mercado sexual de Maracaju

fiquei, me ajudou bastante, deu um monte de conselho. Falou que eu tinha que ir pra polícia. Mas eu tinha medo. E também tava sem minhas roupas”.

No dia seguinte, a menina voltou ao “Cantinho da Saudade” para buscar suas roupas. A travesti a acompanhou. No local, encontraram Pâmela muito brava. “Ela me deu um tapa na cara e disse que eu

tinha que pensar na minha mãe e no meu filho, que ela era capaz de qualquer coisa”. A adolescente narrou essa cena com a voz embargada. Fez uma pausa na fala e enxugou as lágrimas.

Ainda muito emocionada, continuou: “Aí eu respondi pra ela: ‘você pode fazer o que quiser comigo, mas limpa a boca pra falar da minha mãe e do meu filho”.

Pâmela quis bater na menina, mas foi empurrada pela travesti. Em seguida, saíram correndo, deixando as roupas para trás. Foram direto ao Conselho Tutelar.

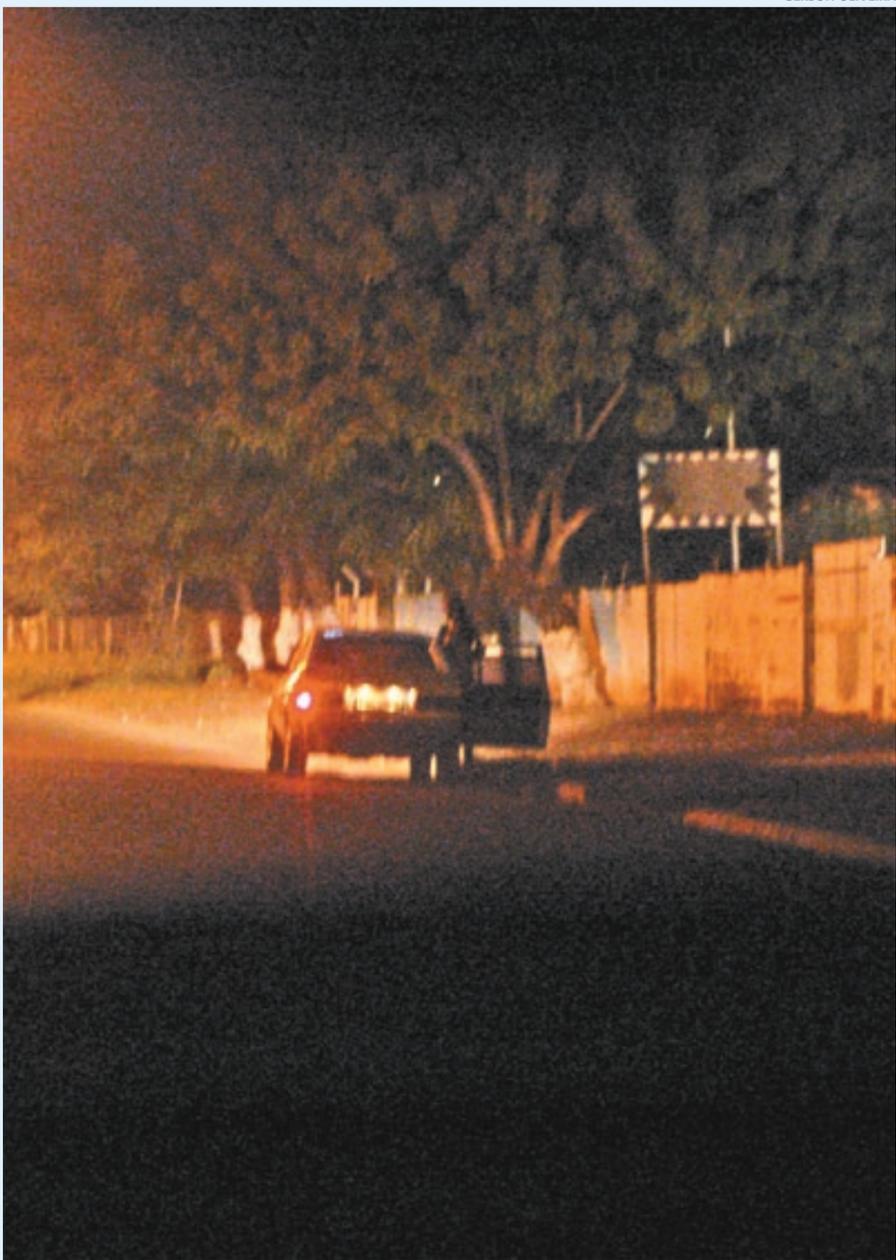
## Conselho e delegacia

O conselheiro tutelar Celso Ratier Placencia se lembra do dia em que conheceu Simone. “Ela chegou aqui ajudada por uma travesti. Tava suja,

suada, cansada e só com um short e uma blusa. Tava muito assustada”, descreve. Era o dia 20 de maio de 2009, uma quarta-feira.

Simone contou toda sua situação no Conselho. De lá, seguiu para a Delegacia de Polícia Civil e, novamente, narrou tudo o que lhe acontecera. Resultado: não foi instaurado um inquérito e a boate não foi fechada.

GERSON OLIVEIRA



Rua de região de Maracaju com muitos prostíbulos; Pâmela continua à frente de boate no local

## Aliciadora fica impune apesar de denúncias de adolescente

A boate “Cantinho da Saudade” é um lugar simples, com quartos bastante modestos. Na ocasião da reportagem, apenas duas mulheres estavam no local. Pâmela já não administrava o lugar. Mas, continua na cidade e atuando no mercado do sexo. Trabalhadoras sexuais informaram que ela estaria à frente da “Point’s Danceteria Bar”, uma boate conhecida por oferecer profissionais paraguaios e que fica numa região com muitos prostíbulos.

A equipe de reportagem foi à “Point’s Danceteria”, mas não conseguiu encontrar Pâmela. O local estava prestes a iniciar as atividades. Um homem negro de meia idade, que se identificou como Vagner, atendeu à porta e informou que, no momento, só estava com uma menina paraguaia. “É que elas viajam muito”, justificou. A paraguaia mencionada teria, segundo Vagner, 19 anos.

As duas boates funcionam normalmente, apesar das denúncias feitas por Simone depois de fugir da cafetina Pâmela. Na ocasião, a adolescente denunciou, na delegacia, que havia outras três ado-

lescentes no “Cantinho da Saudade”. Policiais e o conselheiro Celso Ratier foram ao local e encontraram apenas uma menina. As outras duas teriam deixado a boate pouco antes da inspeção. A garota, que permaneceu no local, portava uma falsa certidão de casamento.

O delegado, com o falso documento em mãos, perguntou à adolescente o nome do marido e a data do casamento. Ela não soube responder. Foi levada para a delegacia, onde afirmou – segundo o delegado – que viera de Ponta Porã e que já se prostituiu tempos atrás, mas não naquela ocasião. Foi encaminhada para o Conselho Tutelar. Através desse órgão, as duas meninas foram conduzidas a seus familiares em Ponta Porã.

## Sem investigação

A constatação da presença de adolescentes no “Cantinho da Saudade” não foi suficiente para o fechamento do estabelecimento. Também não provocou a abertura de inquérito pela Polícia Civil local. Conforme o delegado Edmar Batis-tela, não haveria elementos necessários para iniciar a

investigação do caso. Ele argumenta que não existiriam provas de que as adolescentes estariam sendo exploradas sexualmente na boate. “Elas poderiam estar lá trabalhando de outra coisa, como atendentes, por exemplo”, opina.

## Refazendo sonhos

Buscando se distanciar da violência impune que sofreu, Simone tenta reconstruir seus sonhos. Pretende retomar os estudos – ela parou de estudar no sétimo ano do Ensino Fundamental. Também sonha em ter sua própria casa, para morar com o filho. Mas, por enquanto, Simone mora com a mãe, que não trabalha para poder cuidar do marido, o qual sofre de epilepsia, com o irmão pré-adolescente, que tem problemas de saúde, com o filho, uma irmã, de 22 anos, e uma sobrinha, de três anos.

A vulnerabilidade da família alimenta as investidas da rede de aliciamento para a prostituição. A irmã de Simone começou a receber, por telefone, proposta de emprego em Maracaju. “Tenho certeza que é a Pâmela de novo”, teme Simone. (OJ)